

33
34

ODE
AO FELIZ GOVERNO
DE
S. ALTEZA REAL
O PRINCIPE REGENTE
NOSSO SENHOR,
DO
VELHO ABBADE DE S. JOÃO BAPTISTA
DE GONDAR
JOSÉ DE S. BERNARDINO BOTELHO.



LISBOA,
NA OFFIC. DA CASA LITTERARIA DO ARCO DO CEGO.

M. DCCC.

1870
O.D.

NO. 1111

2. ALFRED HALL

1111

1111

1111

1111

1111

1111

1111

1111

1111

1111

1111

1111

1111

1111

ODE.

CERRÃO-ME torvas sombras o Orisonte
 Do proximo futuro impenetravel;
 Mil pungentes molestias, mil cuidados,
 Da pezada velhice companheiros,
 São por lei do Supremo invariavel
 Precursores do termo inalteravel.

Breve circulo encerra os restos debeis
 Do meu caduco ser: de balde tento
 Em gratas illusões, ó Musas bellas,
 Com vosco amenisar meus tristes dias;
 Se cadencias tirar da lira intento,
 Cahe das fracas mãos vosso instrumento.

Mesmo o nativo amor da humanidade,
 Que do tempo os revezes paralisação,
 Receia investigar a dubia sorte
 Dos voluveis mortais, que extraviados
 As regras da prudencia insanos pisão;
 Que os crimes por virtudes divinisação.

Basta de horror. As nuvens temerosas
 Abre hum raio de luz celeste, e pura.
 Trocou-se a scena; muda-se o destino.
 Ouço de voz divina accento amavel,
 Que os meus dias consola; que me augura
 Epoca gloriosa de ventura.

És tu, Patria querida; com teus gestos
 A minha alma sensivel não se engana:
 Quando tu fallas, sempre attento escuto:
 As outras paixões todas immudecem:
 Sinto a nobre energia soberana,
 Que sabes inspirar na raça humana.

Quando banhada em gosto me appareces,
 Conheço renascer minha alegria;
 Resuscita o vigor da fresca idade;
 Não sinto o pezo dos cançados annos:
 Huma nova existencia principia;
 Foge a negra, fatal melancolia.

Vejo em teus braços o motivo augusto
 Do teu discreto amor, da tua gloria;
 O magnanimo PRINCEPE adoravel,
 Que, o valor á prudencia equilibrando,
 Os teus passos regula, cuja historia
 Occupa as dignas Filhas da Memoria.

Embocando o clarim, batendo as azas,
 A veloz Pregoeira alonga o grito
 Do universo aos confins: seu grande nome
 Admira os cortezãos. Com que amor puro
 Com vosco, ingenuo Povo, hoje o repito
 Nos obscuros recintos, em que habito!

En-

Entre infinitos males , que atribulão
 Parte do Globo, e quasi a Europa toda,
 Tranquillo Portugal da guerra externa
 Triumfa, a paz interna conservando ;
 E a Fortuna , que á tantos incommóda,
 Para nós tem suspensa a dubia róda.

Sem temer força estranha , os seus direitos
 O Luso Cidadão leal , e puro
 Na tutella das leis desfruta , e gosa.
 O noosso agricultor em paz semeia ,
 Em paz recolhe : serve-lhe de muro
 O Sceptro de João firme , e seguro.

As procellosas ondas atravessão
 Innumeraveis frotas carregadas :
 De hum, e outro Emisferio se aproximão
 As varias producções , e á nossos cofres
 Novas riquezas vem multiplicadas ,
 Que protegem fortissimas armadas.

As Artes creadoras multiplicão
 Commodos, e prazeres innocentes :
 A industria nacional reanimada
 Arreiga-se, vegéta, cresce, e leva
 Fecundissimos ramos florescentes,
 Onde pendem dos Ceos gratos presentes.

Os talentos, o merito, a virtude
 Sabem que tem no Throno azillo certo.
 O pobre desvalido não receia
 O soberbo oppressor : a sã Justiça
 Banio com singular discreto acerto
 Este do Mundo usado desconcerto.

Oh PRINCE! que amais, e sois amado!
 Que o trilho da razão seguis constante!
 Fundando no bem publico o direito,
 Que ao templo da Memoria vos eleva!
 Pois que vi vosso seculo brilhante,
 Fechai-vos, olhos meus; vivi bastante.

F I M.

As Artes e as Indústrias multiplicam-se
Commodos, e prazeres inenarráveis;
A indústria nacional torna-se
Ativa, e a agricultura, o comércio, o
Fomento das artes e das indústrias,
Onde se vêem os seus frutos e os seus

Os talentos, e o mérito, a virtude
Sabem que tem no Brasil a sua terra
O padre desvelado não só
O trabalho opressor e a injustiça
Fazem com singular carácter
Faz de Moisés a sua descendência

Olhai para os que amais, e sei canibal
Que o tráfego de res e de gado
Tudo não é mais do que o mesmo
Que se tem de Moisés, e o clero
Faz que vi vós e os seus
Fazem-vos, e os seus